

## O Net-ativismo e a formação de laços indígenas<sup>1</sup>

Silvio Simão de Matos<sup>2</sup>  
Louise Carine Bruckheimer<sup>3</sup>

### Resumo

O artigo explora os processos de aprendizagem, pertencimento e engajamento, ofertados pela tecnologia dentro da comunidade indígena. O objetivo é entender os laços formados por meio do ativismo indígena nas redes sociais da internet. A metodologia traz uma perspectiva de etnografia na web e analisa um canal na plataforma YouTube, do ativista Wariu, que aborda temáticas relacionadas às vivências dos povos indígenas. Observa-se que os vídeos possibilitam uma visão da história e o cotidiano indígena, desde situações de preconceito até dificuldades para se inserir na sociedade. Contata-se formação de laços de aprendizagem, entre aqueles que não vivenciam a realidade dos vídeos, laços de pertencimento, condizentes aos demais indígenas que se sentem acolhidos, e de engajamento, já que nativos de diferentes povos relatam suas vivências nos comentários dos vídeos, criando uma rede afetiva.

**Palavras-chave:** Ativismo Digital; Redes Sociais; YouTube

### Introdução

A era da informação trouxe consigo inúmeras modificações na sociedade, como o abandono de tradições, costumes e, da mesma forma, a criação de uma nova cultura. Porém, esse processo levantou inúmeras polêmicas, principalmente se tratando da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao DT 5 – Comunicação Multimídia. GP Comunicação e Cultural Digital. XXI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação pela UFRJ. Coordenador do PIP em Comunicação da Univille e do projeto de pesquisa Conteúdo pra que? Ativismo na web e os laços de aprendizagem, pertencimento e engajamento entre os jovens. Líder do grupo de pesquisa “Comunicação, mediações e cultura”. [silvio.simon@univille.br](mailto:silvio.simon@univille.br)

<sup>3</sup> Acadêmica do curso de Publicidade e Propaganda. Bolsista no projeto de pesquisa Conteúdo pra que? Ativismo na web e os laços de aprendizagem, pertencimento e engajamento entre os jovens, vinculado ao Grupo de Pesquisa “Comunicação, mediações e cultura”.

inserção das tecnologias em comunidades indígenas. É popular a afirmação de que o conhecimento científico representa o apagamento da identidade dos nativos, de que o digital não combina com as tribos, porém esse artigo demonstrará a atuação das redes sociais como formadoras de laços indígenas, partindo de uma perspectiva do net-ativismo.

Partindo desse pressuposto, as mídias digitais oferecem uma oportunidade de ressignificar os processos de aprendizagem, expondo experiências e conhecimentos adquiridos dos povos indígenas, sem filtros ou estereótipos. Nesse contexto, a metodologia abordada enquadra-se em um estudo baseado em etnografia na web, com a análise do canal de vídeos do ativista indígena e youtuber Wariu, em conjunto de um estudo bibliográfico sobre o tema. O objetivo deste estudo é expor os laços formados por intermédio do ativismo indígena nas redes sociais da internet, entendendo, primeiramente, de que forma são constituídos, e sob quais temas e circunstâncias.

Assim, a democracia no protagonismo oferecido pelo ativismo digital é uma das características que conduzem a formação de laços entre indígenas, já que não é necessário ser uma “Cara conhecida” para representar um movimento social (MAGALHÃES, 2018. P. 120)

No caso dos fenômenos mais recentes de ativismo [...] nas redes sociais digitais, líderes ou formas hierárquicas de participação pré-definidas não tendem a encontrar os seus espaços. Pelo contrário, a verticalização do ativismo tradicional [...] deu lugar a uma horizontalidade no formato digital, no qual são permitidos, no máximo, porta-vozes. Também não tendem a ser escolhidas “caras” conhecidas para negociar com figuras políticos ou conceder entrevistas aos media tradicionais. As bandeiras de lutas claras e definidas do ativismo tradicional ainda foram substituídas por bandeiras múltiplas lançadas na própria arquitetura digital [...].

Nesse viés, a análise do canal do ativista, em congruência ao estudo bibliográfico, foi capaz de proporcionar uma visão mais clara dos laços indígenas formados por intermédio das redes sociais da internet. Assim, entendemos que

[...] as tecnologias e os processos de digitalização estão hoje nos permitindo este tipo de transplante, nos dando a possibilidade de ver o mundo com os olhos da floresta, através dos sistemas de geolocalização, com os olhos das baleias, por meio dos dispositivos de rastreamentos de suas deslocamentos, com os olhos da camada de gelo do Antártico etc. (DI FELICE, 2013, p. 13)

Ou seja, a partir de vídeos do Youtube, com duração de aproximadamente 5 a 10 minutos, é possível possibilitar o próximo de enxergar com os olhos do indígena: entender suas vivências, seus costumes, ou seja, tudo que engloba sua cultura e posição na sociedade. Nesse sentido, entendemos que os laços formados podem ser englobados nas classificações de aprendizagem, pertencimento e engajamento.

### **Redes sociais da internet como base para o ativismo indígena**

A partir da constituição de canais de comunicação via internet, como as redes digitais Facebook, Instagram e YouTube um conjunto de processos e dinâmicas passam a fazer parte do cotidiano das pessoas. Dentre elas uma das mais significativas se constitui pela possibilidade de interações contínuas e frequentes. Se antes tínhamos remotas chances de trocar e ser participante da informação, hoje os ambientes on-line nos trazem a constituição de caminhos que nos levam a participação, a interação, a conexão.

Agora não somos mais apenas assistentes, passamos a fazer parte, a ser a própria rede. Não é mais necessário pedir “permissão” para publicar algo, para se expressar, para mostrar uma causa, uma cultura, um povo. É como aponta Shirky (2011, p. 50) “[...] a revolução está, hoje, centrada no choque da inclusão de amadores como produtores, em que não precisamos mais pedir ajuda ou permissão a profissionais para dizer as coisas em público”.

Nesse sentido, percebe-se a partir do aumento do uso das redes sociais da internet por diferentes campos sociais, que o movimento indígena também vem se utilizando de plataformas digitais para uma atuação que estabelece laços de aprendizagem, pertencimento e engajamento. Nesse sentido, cabe voltar a Daniel Munduruku e sua publicação “O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)”, para poder se compreender as bases para o ativismo digital indígena:

Talvez a maior contribuição que o Movimento Indígena ofereceu à sociedade brasileira foi o de revelar - e, portanto, denunciar - a existência da diversidade cultural e linguística. O que antes era visto apenas como uma presença genérica passou a ser encarado como um fato real, obrigando a política oficial a reconhecer os diferentes povos como experiências coletivas e como frontalmente diferentes da concepção de unidade nacional.” (MUNDRUKU, 2012, p. 222)

---

É necessário entender que, antes mesmo de ser escutado, o movimento indígena foi obrigado a escutar. Porém, trouxe consigo a denúncia de que o Brasil nunca seria homogêneo, independente do processo de apagamento histórico que seja feito. Nesse sentido, é preciso destacar a importância da resistência indígena, principalmente no caráter educativo, de pertencimento e engajamento no País. Pereira (2017) coloca que o net-ativismo indígena “[...] é entendido como um exercício interpretativo/reflexivo de algumas experiências dos povos ameríndios brasileiros nas e com as redes digitais”.

Pensando ainda na importância dessa temática, uma matéria realizada pela Revista Digital Época (MATSURA, 2019), “O Impacto Do Celular Em Aldeias Indígenas”, não somente tenta desmistificar os estereótipos envolvendo o uso de tecnologia por indígenas, como também mostra os benefícios trazidos pela inserção digital entre os povos indígenas. Segundo Bruna Franchetto, pesquisadora do Museu do Índio, em entrevista para a Época “Essas ferramentas (tecnológicas) mudaram completamente o modo de fazer pesquisa. Agora, os estudos são feitos com, e não sobre, os indígenas (...)”. Mais em diante, ainda na mesma reportagem, o linguista Helder Perri Ferreira, do Instituto Socioambiental traz o seguinte ponto de vista: “Não faz sentido só a gente se aproveitar desse conhecimento para nossas pesquisas (...) Com um smartphone, eles têm uma boa câmera e um bom gravador para fazer os registros. A partir do ponto de vista deles.” (FERREIRA, 2019, WEB)

Nesse contexto, podemos fazer um paralelo a esse pensamento com o intuito desse artigo, que é justamente demonstrar a formação dos laços (de aprendizagem, pertencimento e engajamento) no caráter de criação de registros online (como no Youtube) a partir do ponto de vista indígena sobre a própria causa. Dessa forma, ensinando, não somente, com base no argumento da experiência, como também, de uma forma livre de estigmas e preconceitos (trazidos pela colonização do País).

Segundo último Censo Demográfico do IBGE (2010) acerca da população indígena, datado de 2010, a maior parte dos indígenas são alfabetizados, sendo aproximadamente 76,6%. Entretanto, não são localizadas informações acerca da acessibilidade digital dessa etnia. Segundo reportagem da Agência Brasil (2019), “Aldeia conectada: índios aderem às redes sociais”, no Tocantins foi criada uma “Oca Digital”, que conta com 30 computadores e wifi livre. É uma iniciativa do Senac Tocantins, para os indígenas que querem aprender mais sobre tecnologia. Dessa forma, de acordo com Ricarte e Braga (2005, p.24 *apud* LEAL, 2013, p. 59):

---

A Internet oferece atualmente um conjunto enorme de comunidades virtuais que agregam pessoas de cidades, regiões e mesmo de países diferentes, mas que têm interesses e preocupações em comum. Nesse sentido, saber – ou não saber – usar o computador e a Internet pode ser fundamental para as oportunidades de acesso que são oferecidas aos indivíduos na sociedade atual e esse conhecimento deve ser também entendido como parte da formação necessária para o exercício da cidadania.”

Ou seja, o acesso às comunidades virtuais pode ser entendido como parte do exercício da cidadania, por permitir o impulsionamento de pontos de vista diferentes, interesses e preocupações. O uso dessa tecnologia midiática audiovisual acaba por contribuir para que uma narrativa de um povo reverbere enquanto comunicação entre os próprios povos indígenas, mas também por outros integrantes da sociedade brasileira. Isso vai contribuir não só para aumentar os laços e as trocas entre a comunidade indígena, mas vai servir para expandir o território e o ecossistema, por meio de uma sinergia e de uma conexão em rede, ou seja, “[...] uma complexa ecologia que une reticularmente os povos envolvidos, suas culturas, seus territórios e sua biodiversidade aos circuitos informativos digitais globais [...]” (PEREIRA, 2017, p. 175), levando suas características, suas visões, suas dificuldades para os novos contextos comunicacionais, utilizando seus dispositivos para reverberar sua fala, protegendo por vezes sua história, suas terras e seu povo.

### **Procedimentos metodológicos**

Esse artigo busca realizar uma análise, alinhada com a etnografia na web, de vídeos na plataforma Youtube do ativista indígena Wariu. Assim, foi escolhido esse canal em razão dos conteúdos trabalhos e da popularidade e engajamento dos vídeos, que proporcionam uma análise eficaz. Ademais, buscou-se escolher vídeos com maior número de visualizações e comentários, além de um conteúdo condizente com a pesquisa.

Para chegar nos vídeos analisados no presente artigo foi utilizada a ferramenta “Classificar por”, existente no YouTube, selecionando a opção “mais populares”, sendo que as outras opções são “data de inclusão (mais antigo e mais recente)”. No momento da análise, em fevereiro de 2021, os dois vídeos mais populares do canal eram: “O que é ser indígena no século XXI – episódio 1”, publicado em 2018, que consta hoje (agosto de 2021) com 98 mil visualizações e “Ritual de passagem Xavante”, publicado também em 2018, com 26 mil acessos, em agosto de 2021.

---

Para chegar aos comentários, também se buscou apoio nos suportes tecnológicos oferecidos pela plataforma YouTube. Nesse sentido, o corte para análise foi por “Classificar por”, optando pela opção “Principais comentários”, sendo a outra possibilidade “Mais recente primeiro”. Para o recorte do presente estudo foram analisados os dez principais comentários de cada vídeo, bem como suas interações, tendo como foco a narrativa utilizada tanto nos vídeos.

Essa proposta de análise tem suporte em Minayo (2016). Segundo a autora narrativas permitem revelar as condições de vida, expressar aspectos como valores e crenças, bem como o que pensa o grupo de abrangência do estudo. Aqui também podemos trazer Sá Martino (2018, p. 169) que diz “[...] narrativas criam o sentido de comunidade: ser parte de um grupo é, de alguma maneira, compartilhar e viver suas narrativas, definindo narrativamente quem somos”.

Para aplicar uma perspectiva de etnografia na web parte-se dos contextos relacionados por Frago, Recuero e Amaral (2011) que indicam esse perfil de metodologia para análises voltadas a comunidades em ambientes virtuais; Ortiz (2017, p. 7) para se optar por uma presença por parte do pesquisador como lurker, quando “[...] o pesquisador observa um dado grupo social sem se manifestar [...]” e Polivanov (2013, p. 68) para quem “[...] os ambientes digitais, on-line, engendram práticas de sociabilidade, cooperação e também de conflitos e disputas entre os atores sociais [...]”. Para complementar a pesquisa, realizou-se um estudo bibliográfico envolvendo autores e estudiosos do tema do ativismo digital.

### **Aprendizagem, pertencimento e engajamento indígena nas redes digitais**

O Canal Wariu surgiu em 22 de agosto de 2013, contava em agosto de 2021 com 37,9 mil inscritos, já teve 29 vídeos publicados, o que gerou mais de 656 mil visualizações. Wariu também possui páginas em outras plataformas digitais, como Instagram, Twitter e TikTok. Os conteúdos mais abordados englobam ensinamento sobre tradições e história, desmistificação de tabus e preconceitos, além do compartilhamento de experiências pessoais. Fazendo uma interface que amplia sentidos e espaços, nos permitindo ter múltiplos e infinitos acessos aos mais variados conteúdo e que é algo característico de plataformas como o YouTube, onde “o sentido tradicional de lar como

um lugar delimitado e aconchegante se transforma na web, já que essa página inicial nunca convida a permanecer no lugar [...]” (MONTAÑO, 2017, P. 10).

Ademais, os comentários dos vídeos de Wariu expõe um coletivo de pessoas, unidas pelo tema, mas com realidades diferentes, que interagem trocando experiências e formando uma rede de pertencimento. Apesar de poucos vídeos, o canal gera uma considerável interação. O vídeo mais popular de Wariu é “O que é ser indígena no século XXI”. EP.1”, no qual expõe a própria perspectiva com base na experiência sobre o tema. O material possui aproximadamente 5 minutos, é didático e tem clareza em sua abordagem.

Figura 01. Vídeo mais popular do canal do ativista Wariu

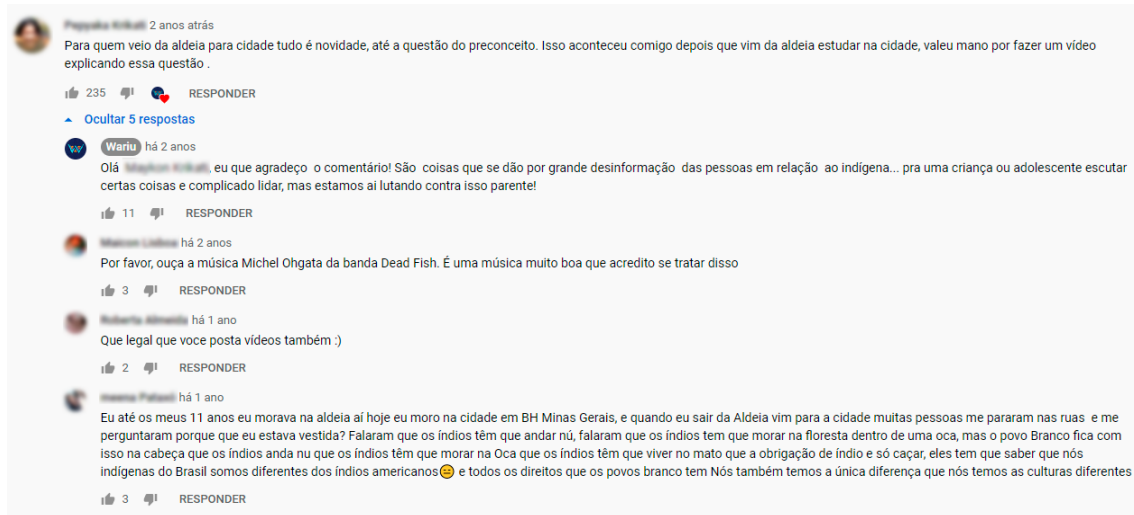


Nesse sentido, conforme teoria de McLuhan (2011, p.21), “o meio é a mensagem”, é excepcional analisar o meio como um fator decisivo na análise. Por isso, identificamos o Youtube como uma ferramenta de, não somente produção de conteúdo, mas de interação, fomentando a cultura participativa e formadora de laços. Haroche (2013, p. 44) aponta que “as telas estão aí em todos os gestos de nossa vida: para nos distrair, para nos fazer sonhar, para nos informar, para nos comunicar, para nos ajudar no trabalho [...]”, contribuindo dessa maneira para dar visibilidade e sentido para expressões até então não inseridas no cotidiano da sociedade.

Seguindo, os comentários do vídeo citado acima, representam uma rede de comunicação, com diversas interações compartilhando conhecimento e afeto:



Figura 02. Comentários do Vídeo mais popular do canal do ativista Wariu



Como é possível identificar na imagem anterior, dois indígenas expressam seu relato nos comentários do vídeo de Wariu. O primeiro, comentário principal - datado de dois anos atrás - expressa seu agradecimento pelo vídeo, já que passou por situações semelhantes ao do ativista, como o preconceito e dificuldades na adaptação, notamos uma relação de identificação e formação de um laço de pertencimento. Nota-se também, na resposta de Wariu, que esse se refere ao usuário como “parente”, trazendo à tona um sentimento de irmandade e coletivo, independente se participam de culturas opostas, mas sofrem do mesmo preconceito.

Isso se reflete no que coloca Pereira (2017, p. 171)

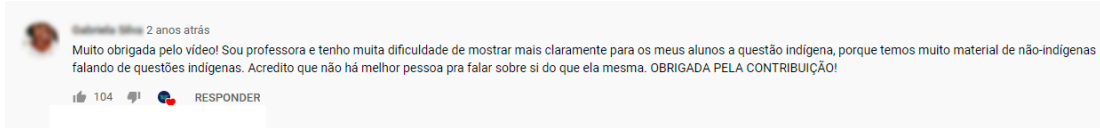
As apropriações e interações indígenas com as tecnologias e linguagens midiáticas evocam esse modo de “comunicar”, “transitar”, “atuar” no cosmo, onde repercutem a contínua preocupação com as suas “terras”, o lugar de existência cultural, corpórea e extracorpórea de todos os seres que o compõe.

Mais abaixo, encontramos outro relato - de um ano atrás - desta vez em formato de resposta ao comentário principal, neste encontramos algumas situações de racismo e preconceito, passadas pelo autor da resposta desde criança, o que demonstra confiança, já que visualizou demais usuários com histórias semelhantes, desencadeando um laço de engajamento.

Seguindo nos comentários desse mesmo vídeo, encontramos o seguinte:



Figura 03. Comentários do Vídeo mais popular do canal do ativista Wariu



Assim, na fala da professora, é exposto uma problemática da educação brasileira sobre a história indígena: “Temos muito material de não-indígenas falando de questões indígenas” diz a autora do comentário. Nesse sentido, podemos identificar um laço de aprendizagem, já que é possível repassar o conhecimento gerado pelo ativista para as novas gerações, de forma a revolucionar o método didático sob o qual se ensina a história dos nativos brasileiros.

Além de se constituir como um elemento de aprendizagem sobre a cultura indígena, percebe-se que a fala de Wariu também contribui para reverberar a existência, a luta, as dinâmicas do povo indígena. É como ressalta Bentes (2015) ao abordar a como a produção audiovisual tem impactado as multidões, no sentido de difundir suas lutas. O fato de Wariu ter um canal no YouTube pode, então, ser um constituinte de “[...] imagens que carregam a marca de quem afeta e é afetado de forma violenta, colocando o corpo/câmera em cena e em ato”.

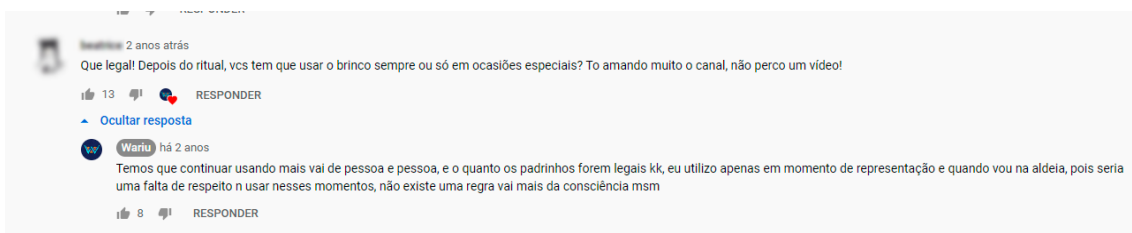
Seguindo os vídeos do canal do ativista, o seguinte vídeo se destaca, “O ritual de passagem Xavante”, já que fala sobre particularidades da tribo da qual o ativista faz parte. Durante os 8 minutos, Wariu oferece uma aula sobre um dos rituais mais importantes para o seu povo, relatando sua experiência e significados dessa cultura.

Figura 04. Vídeo sobre a cultura do povo do ativista Wariu



Dessa forma, ao analisar os comentários do vídeo, encontramos diversas dúvidas sobre a cultura, e o ativista Wariu às responde com detalhes sobre sua vivência.

Figura 05. Comentários do vídeo sobre a cultura do povo do ativista Wariu



Nesse comentário, podemos constatar a formação de dois laços: de aprendizagem e de engajamento. O usuário que comenta, se interessa pelo assunto e busca conhecer mais. Ao ter uma resposta do ativista, de forma didática, é possível constatar esse laço de aprendizagem. Pensando no lado de Wariu, este forma um laço de engajamento com seu seguidor, já que interage com o comentário e expõe sua vivência.

---

Ou seja, analisando os resultados obtidos com a análise, constatamos a formação dos laços de aprendizagem, pertencimento e engajamento. Assim, esses podem ser formados simultaneamente, dependendo da interação. Ademais, o canal forma um laço de aprendizagem com todos aqueles que não fazem parte da cultura do indígena, já que possibilita esses de enxergarem com outros olhos a vida como ela é.

## **Conclusão**

A herança da colonização ainda é refletida sobre os indígenas no Brasil, sendo esses alvos de diversos preconceitos, e entre esses está o tabu do avanço tecnológico entre os nativos. Assim, muito se acredita que a internet é um fator negativo na cultura indígena, porém, entendemos que essa, mas mais especificamente as redes sociais, são capazes de fomentar a formação e fortificação de laços.

Destarte, pensando em quais os laços formados entre os indígenas por intermédio das redes sociais, a fim de destacar a importância desses, entendemos a partir desse artigo que é possível identificar a formação dos laços de aprendizagem, pertencimento e engajamento entre os indígenas. Nesse sentido, a análise feita com base no canal do Wariu, ativista indígena, levando em consideração os vídeos e os comentários, pode constatar que diversos usuários demonstram gratidão pelo conhecimento adquirido nos vídeos, o que nos leva ao laço de aprendizagem. Mais adiante, identificamos também muitos indígenas se sentindo incluídos e representados pelo conteúdo, trazendo à tona o laço de pertencimento, muito importante para que os nativos não se sintam sozinhos, e vejam que sua luta pode ser dividida. Outrossim, muitos relatos de vivências estavam presentes nos comentários dos vídeos, demonstrando confiança e vontade de compartilhar sua história com o Youtuber, nos levando ao laço de engajamento.

Por fim, constatamos por meio dessa pesquisa que os laços formados são de extrema importância para a sobrevivência dos indígenas no século XXI, e que as redes sociais possibilitam uma maior empatia entre os povos nativos e, também, dentre os não indígenas para com os indígenas. É verdadeiro que as culturas indígenas devem ser preservadas, porém, a sociedade como um todo deve compreender que incluir esses povos nos avanços da humanidade não é apagamento histórico, mas sim, possibilitar que esses hábitos e vivências possam evoluir e ter uma continuidade, já que o processo cultural é algo contínuo. Conclui-se que os laços formados por intermédio do ativismo indígena nas

redes sociais da internet são os de aprendizagem, pertencimento e engajamento, e eles representam a importância de consolidar o indígena no século XXI.

## Referências bibliográficas

### Artigos Científicos

DI FELICE, M. **Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares**. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação, 2013. Disponível em: [www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1960-1.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1960-1.pdf). Acesso em 06 fev. 2021.

MONTAÑO, Sonia. A construção do usuário na cultura audiovisual do YouTube. **Revista Famecos** – mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 24, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2017.

ORTIZ, Junia. Comunidades online, laços sociais e a conversação sobre telenovelas: reflexões sobre o método etnográfico em ambientes digitais. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 41., 2017, Caxambu. **Anais...** Caxambu, 23 a 27 out. 2017.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações e conceitos. **Esferas**, ano 2, n. 3, jul./dez. 2013.

### Livros

BENTES, Ivana. **Mídia-multidão: estéticas da comunicação e biopolíticas**: Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. 209 p.

HAROCHE, Claudine. A invisibilidade proibida. In: AUBERT, Nicole; HAROCHE, Claudine. **Tiranias da visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: FAP-Unifesp, 2013.

MAGALHÃES, M. **Net-ativismo: protestos e subversões nas redes sociais digitais**. Lisboa: ICNOVA, 2018.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. São Paulo, Paulinas, 2012.

PEREIRA, Eliete. Net-ativismo indígena brasileiro: notas sobre a atuação comunicativa indígena nas redes digitais. In: DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete; ROSA, Erick (orgs.). **Net-ativismo – redes digitais e novas práticas de participação**. Campinas: Papirus, 2017.

SÁ MARTINO, Luis Mauro. **Métodos de pesquisa em comunicação – projetos, ideias, práticas**. Petrópolis: Vozes, 2018.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação – criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

---

### Revistas e portais de informação

FERREIRA, Helder Perri. Reportagem O Impacto do Celular em Aldeias Indígenas. MATSUURA, Sérgio. **Época, edição digital**, fevereiro, 2019. Disponível em: O impacto do celular em aldeias indígenas. Acesso em: 10 de abril de 2021.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Acesso em 20 de fev. de 2021.

MATSUURA, Sérgio. O Impacto do Celular em Aldeias Indígenas. **Época, edição digital**, fevereiro, 2019. Disponível em: O impacto do celular em aldeias indígenas. Acesso em: 10 de abril de 2021.

TENORIO, Cibele. Aldeia conectada: índios aderem às redes sociais. **Agência Brasil, edição digital**, outubro, 2019. Disponível em: Aldeia conectada: índios aderem às redes sociais. Acesso em: 10 de abril de 2021.

### Teses e dissertações

LEAL, Pedro Paulo dos Santos. Presença indígena na internet:: exclusões, convergências e o aikewara.blogspot.com. 2013. 113 f. Dissertação (Mestrado) - **Curso de Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura, Universidade da Amazônia - Unama**, Belém, 2013. Disponível em: Presença indígena na internet: exclusões, convergências e o aikewara.blogspot.com. Acesso em: 10 abr. 2021.

### Vídeos Analisados

#### Canal Wariu

**O que é ser indígena no século XXI**. EP.1. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XDaS70F2fPw>>. Acesso em 06 fev. 2021.

**O ritual de passagem Xavante**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2RcOXc5St4g>> . Acesso em 07 fev. 2021.